O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — Sábado, 10 de Julho de 1943 — N.º 1792

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Considerandos oportunos

por Jorge Vernex

«...uma luta violenta está desenhada ou mais concretamente travada já entre as fôrças da ordem e as da desordem, entre a nação e o internacionalismo, entre o comunismo e a civilização».

SALAZAR—15-4-1937

Uma profecia tenebrosa

Ela é recente. Assenta em dados do passado e em perspectivas do futuro, dentro dum paralelo tenebroso. Fê-la Kosareff, secretário da União da Juventude Comunista, perante o congresso de jóvens camponeses soviéticos ocorrido em 1936. Resa assim: «A nossa mais antiga geração teve a tarefa de distinguir quem, no nosso país, deve ser destruído e por quem. Nós, juventude soviética, sob a chefia do partido, sob a do grande Estaline, temos a grande missão histórica de determinar quem terá de ser *destruído* no mundo restante e por intermédio de quem isso será realizado». Esta profecia macabra começou a ter execução, de 1940 a 1941, na Letónia, Estónia e Lituânia, com o assassínio de deportação de todos os indivíduos que tinham algum valor representativo; mas o seu horror só entrou bem pelos olhos dentro quando em Katyn se descobriram 12.000 oficiais polacos assassinados. E, se, devido aos assassínios na Soviécia, a população ali «é constituída por jóvens até 25 anos»—como escreve o Dr. Jasser de Viena—«e esta juventude é sacrificada sem o menor escrúpulo à sêde de dominação mundial do bolchevismo», há uma antagonista séria e consciente: «a juventude europeia, que com os seus corpos forma uma muralha intransponível e, vertendo o seu sangue, impede a queda do Ocidente».

A liberdade bolchevista

Descreve-a Paul Gentizon, célebre jornalista suiço, aproximadamente nos seguintes têrmos: «O que seria feito das várias nações caso fôssem entregues ao comunismo, demonstra-o o destino dos Estados Bálticos sob o domínio soviético. Após o que aconteceu em Riga, Reval e Caunas num único ano de desagregação bolchevista, de 1940 a 1941, podemos imaginar o que sucederia em Berne, em Bruxelas ou Amsterdão caso o exército vermelho conseguisse penetrar no coração da Europa. Tradição, Moral e Costumes, Civilização, Concepção do Mundo, Religião—tudo seria destruído. Aquêles que pensam que os bolchevistas melhoraram de 1917 para cá, enganam-se formidàvelmente. Os bolchevistas permaneceram os mesmos e tornaram-se ainda piores. Por tôda a parte prègam e prometem a liberdade; onde chegam é a escravidão». Não há dúvidas. E, para nós, basta que Salazar nada quizesse com êles para termos a certeza da projecção gigante dessa heresia pior que «os bandos de hunos de A'tila». E' que o fermento vermelho lavra àquem e álem Atlântico à espera da hora psicológica...

Salazar, um meio

Na altura em que o mundo estrebucha, em que as nações se pulverizam, os povos se diluem, Salazar é o meio eficiente de salvação da Pátria. Nêle está a unidade e, portanto, o sobreviver. Pensar doutro modo é querer atraír sôbre nós a destruïção, a ruína, a escravidão, a morte nacional.

Comércio a retalho

E' comumente sabido que o bolchevismo não admite a actividade individual ou privada. Portanto, nos territórios donde êle foi banido, para reabastecimento da população, um problema surgiu: o estabelecimento do comércio a retalho. Isto verificou-se, entre outros sítios, no distrito de Bialystok, perdido pelos vermelhos em Julho de 1941. Aqui não havia «qualquer casa comercial particular que pudesse ser aproveitada». E, no entanto, a sua população é de 1.500.000 habitantes, na sua maioria polacos, russos e rutenos brancos» espalhados por 31.000 quilómetros quadrados. «Tôdas as casas comerciais tiveram de organizar-se desde os alicerces», mas hoje «já existem 120 estabelecimentos...» e «dentro de pouco serão abertas novas lojas de retalhistas». O cronista que serve de guia diz mais que «todo o leste palpita na mesma ânsia de trabalho, de vida e de esperança, como se estivesse sob o signo duma jucunda Aleluia». Os novos comerciantes não são quaisquer, reservando-se os estabelecimentos «para os combatentes quando regressam à vida civil». E' que 25 anos de bolchevismo não é brincadeira! Felizes daquêles que possuem quem, como Salazar, os guarda de tais experiências esclavagistas!

A continuïdade governativa

Quando Salazar tomou posse da Presidência do Conselho, disse, no seu breve discurso, que «os homens do Govêrno eram outros, mas o Govêrno o mesmo.» O que então nos podia parecer estranho (tão acostumados estávamos à mudança do Govêrno nos governos que mudavam, a cada passo) vemos hoje, ao cabo de onze anos, «como era verdade, e verdade tem sido, para bem da nação».

Que queria dizer Salazar, com aquelas palavras, ouvidas então pela primeira vez? Que, embora mudassem os homens, ou mudem, no Estado Novo, o Govêrno é sempre o mesmo, com o mesmo pensamento e acção governativa. Numa palavra:—instalava-se no Poder a «continuïdade governativa», que é, em grande parte, o segredo dos triunfos da Revolução Nacional. E o que significa a continuïdade governativa? Unidade de doutrina e pensamento que dominam e orientam o Govêrno, e a sua acção, também no sentido da unidade. Ao tôpo desta, e como norte e fim da acção do Govêrno, está o bem da Pátria, ao qual se dirige aquela unidade de doutrina e pensamento. Podem, portanto, mudar os homens no Govêrno; tal mudança, porém, não afecta a continuïdade governativa, por isso mesmo que, por esta continuïdade governativa, já se não faz a mudança dos homens segundo a variabilidade das opiniões políticas, mas «segundo a competência e o amor de bem servir a nação.» E as benemerências da continuïdade governativa, têmo-las, nêstes onze anos, bem à vista no engrandecimento colectivo, como na ordem política e na paz social.

ARTIGO

O destinado a êste número, da autoria do nosso ilustre colaborador, dr. Alberto Souto, e que é a continuação do anterior intitulado—*Em defeza de um património comum*—só na próxima semana pode saír por terem chegado tarde as provas e não haver tempo de as emendar.

No Canal de S. Roque

Acha-se em via de conclusão a ponte que liga as duas margens da ria em frente à Rua do Vento.

Obra da Junta Autónoma e destinada exclusivamente a peões, é digna que a cidade a admire por demonstrar bom gôsto reunido à utilidade.

Vão ver. E digam-nos, depois, se a ligar o Alboi com o Rossio não ficaria bem uma coisa assim, pouco mais ou menos...

Muito custa a entrar na cabeça de certa gente a percepção do belo!...

IMPRENSA

Gazeta de Coimbra

Passou ao ano 33.º êste colega tri-semanário, que se distingue pela colaboração variada e ocupa a primeira linha de defêsa da sua dama—a terra encantadora e alegre, onde a poesia e o amor vivem entrelaçados com o cantar dos rouxinois no Choupal...

Abraçamos cordealmente quantos dão à *Gazeta de Coimbra* o prestígio que a envolve.

Muito sal

Por lhe correr o tempo à feição, é empolgante o aspecto das marinhas, que, dos pontos mais elevados da cidade, oferecem uma vista surpreendente.

Coisa linda!

Um relatório

Chegou até nós, por amável oferta do seu presidente, o que a Câmara acaba de publicar sôbre a sua gerência em 1942. Lêmos atentamente as *considerações prévias* e a seguir o que foi aprovado pelo Conselho Municipal. E de tudo tiramos esta conclusão: a Câmara de Aveiro vive sob o regimen da mais estrita economia pelo que não há a esperar dela quaisquer realizações tendentes a alterar a estética da cidade e seus contornos.

Paciência.

Teremos então de esperar melhores dias, como diz o actual timoneiro do barco?

Seja.

Aguarda-los-emos resignados visto resignadamente estarmos dispostos a tudo quanto nos seja imposto pela fôrça das circunstâncias.

Cartas a uma amiga de longe

Julho, 1943

Minha querida:

Quem visita Aveiro pela primeira vez e tem a sorte de ver a ria bem cheia e sem os canos à mostra, queda extático a contemplá-la e pensa lá consigo que os aveirenses devem ter ali um divertimento e um admirável passa-tempo. E como o desporto é uma fôrça universal e o exercício físico uma necessidade, os visitantes, ao admirarem a natureza, supõem que aqui todos remam, todos nadam, todos manejam um barco com conhecimentos de mestres. Mas que engano! Há em Aveiro imensas pessoas que não sabem nadar, muitíssimas que nunca pegaram num rêmo e até que nunca passearam na ria e que por isso nem as belezas lhe conhecem! Isto mesmo diziamos, há pouco tempo, a um visitante, oriundo duma sertaneja aldeia do norte. A' porta passa-lhe o Tâmega, transformado em ribeirinho logo aos primeiros calores do estio, mas isso não impede que êle chapinhe là o dia todo, tenha um barquito e alfaias de pesca, ùltimo *grito*.

Olhava cobiçosamente a ria, que para êle assumia quási as proporções do Amazonas, tão habituado está ao fio de água que lhe passa à porta e quási não acreditava que pudesse haver alguém que não aproveitasse gostosamente êstes lindos canais, que permitem chegar ao mar. Até há pouco tempo, mesmo nos clubes, o rêmo estiolava ao abandono e os poucos barcos, que havia, apanhavam caruncho nos armazens...

Numa terrinha do Alentejo, muito árida e muito fronteiriça, a quilómetros e quilómetros do litoral, comi todos os dias peixe frêsco, tão frêsco que parecia estar saíndo das redes.

E quanta vez e durante dias não há no mercado, aqui em Aveiro, nem rasto dêle!...

As aparências enganam tanta vez! E quási sempre nós não ligamos importância ao que temos ao alcance das mãos e que daria imenso prazer a outro. Temos a ria e o mar aqui ao lado, nascemos a ver uma e a ouvir outro, de modo que nos habituámos a êles e não lhe encontramos novidade alguma.

Um abraço da

Zèmi

Memorando Teatral Aveirense

6, 7 e 8 de Julho de 1911—A Companhia Dramática, sob a direcção do actor Carlos de Oliveira, realiza três espectáculos com as peças: *A Lagartixa, Teodoro & C.ª* e *Dor Suprema*, de Marcelino de Mesquita. Desta companhia faziam parte, além daquêle actor, Henrique de Albuquerque, Luís Pinto, Bernardo Ferreira, Alfredo Taveira e Gil Ferreira; e as actrizes Angela Pinto, Virgínia Farrusca, Berta Soares, Georgina Vieira e Albertina de Oliveira.

Estrada marginal

Consta que se envidam esforços no sentido da reconstrução da estrada que liga a Barra com a Costa Nova, junto à ria, e tão apreciada era por tôda a gente de bom gôsto.

A Câmara de Ilhavo, a Comissão de Turismo e as Obras Públicas constituem as entidades para as quais apelamos mais uma vez no sentido de levarem por diante essa obra de inegável valor regional.

Edifícios públicos

O *Diário do Govêrno*, publicando a nota dos edifícios a construir pela Caixa Geral de Depósitos e Previdência em várias terras do país, inclue a verba de 200.000$00 para início do de Aveiro e 100 para a delegação aduaneira.

Quando principiarão as obras?

Visita ministerial

O sr. eng. Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e Comunicações, estará àmanhã connosco durante algumas horas o que lhe permitirá inteirar-se das nossas necessidades no caso de querer dispensar-nos essa atenção.

No próximo concelho de Vagos comprometeu-se a inaugurar, também, o Cais do Cabeço das Pedras e o ramal que o liga à estrada, sendo a primeira vez que um ministro visita oficialmente aquela vila. Por isso lhe prepara o povo condigna recepção.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Na Gafanha

Realizou-se domingo nos estaleiros do mestre António Mónica, na Gafanha da Nazaret, o lançamento à agua do hiate-motor *Praia Morena*, de 250 toneladas, que se destina ao comércio de cabotagem nas costas de Angola.

A magnífica unidade é propriedade do industrial e armador de Benguela, sr. Jose Domingues Antunes, devendo dentro em breve saír a barra.

Depois da cerimónia, foi servido um fino *copo de água* a que assistiram, além de outras entidades oficiais, o sr. coronel Gaspar Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra, que usou da palavra, proferindo uma alocução alusiva ao acto.

Automobilismo

Tendo sido autorizada a circulação dos carros particulares às quartas-feiras e sábados, nota-se que êstes vão aparecendo cada vez em maior número pelas ruas da cidade.

O pior é o pó—incomodativo e anti-higiénico.

Logo as duas coisas...

Crónica alfacinha

Língua materna

Senti-me incomparàvelmente bem durante o período de dez dias que estive em Sintra, convidada por uma família suiça, que há algum tempo goza as belezas do nosso país.

Aquela lottage encantadora, no caminho da Pena, rodeada de árvores seculares e macissos de flores, olhando, amorosa, os altos montes coroados de urze e pedras históricas, deliciou-me o espírito.

Respirei a plenos pulmões o ar sadio da serra e bebi a largos sorvos a paisagem duma incomparável beleza. Com que alvoroço eu me levantava cedinho, acordada pelo cantar dos pássaros e ia, em frêsca *toilette* matinal, para o Castelo dos Mouros, correr e brincar, como as crianças, na companhia das minhas amiguinhas da casa, e regressando sempre mais bem dispostas, mais alegres e jóvens!

Mas... alguma coisa me faltava naquêle divino retiro. A's vezes ficava-me a pensar o que seria, interrogava-me a mim própria, até que descobri. E' que naquêles dez dias só ouvi falar francês e só falei essa língua porque raras vezes descia à vila, ao convívio de outras pessoas, e quando, na gare, tive de pedir o bilhete em português, deu-me a impressão de ter tomado um refrêsco!

Há lá coisa que chegue à nossa querida língua!

Por muito bem que se conheça a língua estrangeira, por muito fortes que sejam os laços de amizade a ligarem-nos, por mais bela que seja a paisagem que nos rodeia, há sempre qualquer coisa a faltar-nos: é a língua que balbuciamos primeiro, aquela em que pronunciamos frazes de amôr ou saüdade. Ela pode ser mais difícil, mas tem para nós encanto novo e especial, uma ternura inexplicável. Parece que amamos a nossa terra seja ela a mais pobre e feia, quando falamos a sua língua.

Que saüdades devem sentir os portugueses que vivem no estrangeiro!

Que agradável conversarmos o português, nós que aqui nascemos!

E' que nos podemos exprimir melhor, demonstrar mais claramente os nossos sentimentos e desejos.

E que doce, bela e rica é a nossa língua—a língua portuguesa!

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Ponte de Angeja

Será desta? Depois de sucessivos adiamentos, parece que sempre tem lugar àmanhã a inauguração oficial da importante obra que o Estado Novo fez construir sôbre o rio Vouga e que, ligando o sul com o norte do país, muito concorre para dar a Aveiro certo movimento devido ao trânsito.

Vem assistir o sr. Ministro das Obras Públicas, eng. Duarte Pacheco, estando as Câmaras de Albergaria-a-Velha e a nossa, bem como as freguesias dos dois concelhos—Angeja e Cacia—na disposição de festejarem condignamente o acontecimento.

Subsídios aos bombeiros

Cabendo às Câmaras Municipais uma parte das colectas que o Govêrno recebe das companhias de seguros para serviços de incêndio, foram as duas corporações da cidade contempladas com 12 contos, segundo a lista publicada na folha oficial.

Não sendo muito, é, no entanto, para agradecer.

Visitai o Parque da Cidade

Albergue de Mendicidade

Corre por todo o país num brado cristão e humano—o pregão de justiça a favor das Casas dos Pobres.

E' que na época conturbada que o mundo atravessa, os estabelecimentos de assistência passam horas difíceis.

Nunca, com raras excepções, tiveram vida desafogada; porém, agora é de mais.

O Albergue de Mendicidade de Aveiro, há pouco nado, a nossa primeira casa de assistência, nêste género, no distrito, não sente já o vácuo à sua volta; os seus subscritores, amigos dos pobres, que lhe deram corpo e alma, pertencendo-lhes, por isso, a sua vida, acalentam-no com o calor do seu óbulo, rodeiam-no de carinhos.

Já mais do que uma vez temos afirmado que o Albergue levará muito longe e a grande altura a sua magnífica obra de solidariedade humana, se os aveirenses não esmorecerem nas suas benemerências.

Agora, que o pior está feito e que sôbre os alicerces, de princípio incertos, (que os septicos e descrentes iam fazendo ruir) foi levantada uma obra, que é de Aveiro, é dever dos aveirenses consolidá-la com inquebrantável vontade.

Aveirenses! Ligai-vos intimamente à vossa obra. Visitai o Albergue. Lá, encontrareis, já, limpo e asseado, o que ontem topavas faminto, andrajoso, coberto de parasitas. Podeis sentar-vos à sua mesa, lado a lado, sem receio de contágio e comer da sua sôpa, sem repugnância.

A indolência e o abandôno a que a sua miserável situação os condenava, deram lugar à vontade própria, ao trabalho compatível com o estado físico, ao desejo de viver.

Recobrados a fôrça moral e o brio, corrigem defeitos, eliminam vícios, disciplinam hábitos...

Perdida a esperança de um tecto acolhedor e dum coração benfazejo que lhes proporcionasse um resto de vida tranqüilo e sem privações, Aveiro desperta os sentimentos altruístas, acode ao seu semelhante e, com nobreza, restitue-o à dignidade de homem.

No Albergue encontram o bordão a que se arrimam num fim de vida, quási um sonho.

A repressão à mendicidade continua. A rua vai ficando limpa de mendigos. Já, aqui, nestas colunas, afirmámos

que para se tirar da rua o que pede por necessidade, sem que tal signifique condenação à fome, é necessário garantir a cada um o que baste para poder continuar a viver.

Se muitos conhecem quão magnífiica é já a obra de assistência levada a efeito, desde Maio findo, a maior parte ignora-o.

Dispendeu em 1942 a quantia de 87.521$29 pela forma seguinte:

Subsídios familiares. . .	30.398$90
Funerais	220$00
Alimentação e vestuário .	437$65
Roupas de cama. . .	9.561$25
Mobiliário (camas, etc.) .	14.772$55
Obras de adaptação. . .	32.130$94
Total	87.521$29

Receita arrecadada proveniente de cotas dos subscritores 50.370$00.

A actividade do Albergue exige agora maior despesa.

E' preciso manter mensalmente os subsídios familiares e rendas de casa, que foram elevados a 3.400$00 e 1.000$00, respectivamente, e ainda, sobretudo, realizar o suficiente para fazer face às despesas com os albergados, que tanto podem ser hoje 20 como àmanhã 40, número máximo para já, e que será elevado à 70 no próximo ano.

E porque tudo se faz depender do auxílio prestado sem o qual a obra em marcha não terá, no futuro, a projecção delineada, a Comissão Administrativa recorre à vossa nunca desmentida generosidade e apela para os vossos sentimentos cristãos e caridosos, pedindo a todos os subscritores um aumento de cotas, aos que o possam fazer e que se inscrevam os que ainda o não fizeram.

Lembrai-vos de que a esmola dada na rua tanto pode ser recebida pelo mendigo vicioso, como pelo mendigo abastado, como pelo mendigo necessitado.

Nem êste processo nem o do tostão semanal são soluções aceitáveis, porque nada resolvem.

E' preciso, então, disciplinar a esmola, pois que a esmola disciplinada é esmola multiplicada.

Dai ao Albergue a esmola e tereis a certeza da sua boa aplicação.

Não me sai da mente a frase há dias lida num jornal da imprensa do Pôrto, cujo conceito encerra uma verdade em que todos devemos meditar:

Damos muitas vezes a esmola a quem tem coragem de a pedir e não tem necessidade de a receber.

F. S.

Mocidade Portuguesa

ACÇÃO SOCIAL E CULTURAL DO CENTRO ESCOLAR N.º 2

Como é do conhecimento público, um decreto de Agosto do ano passado mandou integrar nos Centros da M. P. os bens das Caixas, Cantinas, Solidárias e Associações Escolares.

O desaparecimento de tão simpáticas instituições não significou, porém, o fim da obra beneficente e cultural por elas realizada. E a prova é que, durante o presente ano lectivo, o Centro do nosso Liceu, por exemplo, levou a efeito uma obra de assistência e de cultura a favor dos filiados e alunos dêste estabelecimento de ensino que bem se avalia pelos seguintes números: propinas, 1.200$35; almoços, 845$75; medicamentos, 18$50; fardamentos, 423$80; o Centro subsidiou ainda as excursões dos 3 ciclos (o 1.º ciclo à Curia, 2.º a Braga e 3.º a Viana do Castelo) com a importância de 1.955$70.

Por outro lado, procurou desenvolver os rapazes sob o ponto de vista físico, para o que adquiriu algum material desportivo, no valor de 634$80 e fez também a aquisição de 4 barracas e respectiva utensilagem, no valor de 1.916$60, para a prática do campismo.

Finalmente, comprou livros didáticos que ofereceu a diversos alunos, no que gastou 375$90.

O total das receitas foi de 12.760$24 e o das despesas de 8.591$24, transitando para o ano seguinte, em dinheiro, um saldo de 4.169$00 que se encontra depositado na Caixa Geral de Depósitos.

Solidariedade social

Um grande incêndio destruiu uma aldeia transmontana: Castanheira. Cento e vinte casas arderam. Avultados prejuízos para quem já pouco possuía. Famílias sem abrigo lançadas na desolação.

Mas, horas depois, graças à boa coordenação de funções na máquina oficial portuguesa, tôdas as entidades de que dependiam as medidas a pôr em prática, não só as estudavam, em conjunto—encarando a própria reconstrução da aldeia—como suavizaram dentro das possibilidades imediatas, a situação dos sinistrados, aboletando-os próximo das suas terras de cultura, proporcionando-lhes alimentação, garantindo-lhes, enfim, esta realidade magnífica: a nossa solidariedade social.

Posta rudemente à prova, a organização portuguesa cumpriu, mais uma vez, com a prontidão desejada.

A Revolução Nacional é uma certeza. Uma certeza de protecção e estima mútuas, de unidade, de compreensão integral entre os portugueses.

Demonstram-no os socorros levados pelas autoridades centrais e locais aos escombros de uma aldeia que renascerá. Não é um exemplo—é um símbolo.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a menina Maria da Graça de Sousa Pereira, filha do sr. Joaquim Pereira, residente em Braga; no dia 12, a sr.ª D. Rosa Vinagre Migueis, esposa do sr. Arlindo de Almeida e Silva e o filho Armando, do sr. tenente Joaquim de Matos; em 14, o sr. Rui Vieira da Costa, ausente em Luanda (Africa Ocidental); em 15, o sr. João Marques, sócio dos Armazéns de Aveiro, L.ª, e o menino Manuel Morais, filho do sr. Alvaro Morais, da importante firma Belo & Morais, e em 16, a interessante Maria Eneida, filha do sr. Fernando Amaral, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açores.

Partidas e Chegadas

Veio da E. C. S. de Agueda o sr. Artur Calisto, que voltou a fazer serviço no Regimento de Cavalaria 5.

—Da capital regressou à sua casa de Espinho a nossa conterranea sr.ª D. Gabriela de Melo Rebelo.

Praias e termas

Com suas famílias já se encontram a veranear: na Costa Nova, os srs. João da Costa Belo, da firma Belo & Morais e Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 10; na Gafanha, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão, e na Figueira da Foz, o sr. António Augusto Martins, empregado na Vacuum Oil Company de Coimbra.

—Também esta semana partiram: para as Termas de S. Pedro do Sul, o sr. António Coelho e esposa, e para Caldelas, o sr. João Baptista Guimarãis, empregado na Portugal e Colónias.

—Igualmente se encontra já a veranear em Espinho, também com sua esposa, o sr. dr. Elias Gonçalves, que entre nós exerceu o cargo de secretário do govêrno civil antes de ser colocado em Santarém.

«O COSTA DO CASTELO»

Êste filme português, que tanto sucesso tem obtido no país, voltou no domingo e segunda-feira ao Teatro Aveirense, esgotando a sua lotação.

E não há dinheiro.

Aos Operários da Construção Civil

Levamos ao conhecimento de todos os operários da Construção Civil APRENDIZES, SERVENTES e profissionais de ARTES descriminadas, abrangidas por êste Sindicato Nacional, quer sejam sócios, quer não, de que para seu interesse comum e familiar devem dirigir-se a êste Sindicato a-fim-de preencherem o seu Boletim de Abôno de Família.

Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil do Distrito de Aveiro, Junho de 1943.

A DIRECÇÃO

A BATALHA DO PÃO

Não há previsões que resistam aos precalços de uma guerra que dura há perto de quatro anos. Mas há sistemas que pela sua contextura inquebrável, pelo sólido apoio de verdade em que se fincam, dominam tôdas as circunstâncias, vencem tôdas as dificuldades, alcançam sempre para as nações e homens que servem o mínimo de Bem Comum indispensável a uma existência digna. O pensamento do Chefe—de larga compreensão técnica e humana das possibilidades nacionais—traçou há muito o caminho da economia corporativa. Definiu-a de auto-direcção, sem desmandos da iniciativa privada, mas também sem limitações escusadas do Poder. Marcou-lhe, como caminhos mais justos, a exploração extensiva de um solo pobre, o alargamento progressivo da indústria, a permanente preocupação do aproveitamento colonial. Razões assim razoáveis, nem a guerra nem nada podia diminuí-las. Estão de pé, talqualmente então, servindo de medula à malha complexa da actividade económica da nação. E a pesar-de tudo, tem-se cumprido o programa. Mau grado as dificuldades do momento, por vezes avassalantes, a nau tem domado a tormenta e caminha, com mão segura ao leme, para a certeza de ver transformados em realidade os fundamentos que Salazar assinalou à economia portuguesa.

Fundamentos nacionais—fora dos quais tudo é, hoje, falível e contingente. A terra, base dessa economia. O que ela produz—pão, azeite, vinho, cortiça—base tradicional da nossa vida, merecendo a constante atenção do Govêrno. A política proteccionista da agricultura, incitando a uma maior produção frumentária, alicerce da vida do povo. Entretanto, às contrariedades da guerra junta-se um mau ano agrícola. Há menos trigo e haverá possivelmente menos milho. O Govêrno não desanima. Aumenta os bónus à lavoura e os subsídios de cultura; cria as condições de produzir mais; impõe a economia de subsistências; aconselha a mais justa distribuïção; vela, sobretudo, pela fundamental política dos preços. Política conservadora: que dá ao Govêrno a possibilidade de manter um razoável nível de vida à nação, dando a esta a certeza de que é dirigida por quem cuida dos seus interêsses; e aos homens, o ânimo forte para curtir, na adversidade, a coragem precisa para vencer sempre.

Carta de Lisboa

Onze anos depois

Todo o país comemorou com o melhor e mais compreensível entusiasmo, a passagem do 11.º aniversário da posse de Salazar na presidência do Conselho.

Ao fim de onze anos de direcção suprema da política, por parte do homem que livrou as finanças da derrocada para que caminhava, nós podemos alegrar-nos pelos destinos pátrios lhe terem sido confiados.

Com razão, o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, ilustre Comissário Nacional da M. P., na interessante palestra que proferiu ao microfone da E. N. para comemorar a data, pôde dizer:

«Ora a verdade é que hoje, mais do que nunca, o país deve unir-se em redor de Salazar. No momento eminentemente crítico para a civilização ocidental que estamos a atravessar, o Presidente do Conselho representa para nós um princípio, um capital e uma garantia. *Um princípio:* o da fidelidade de Portugal aos seus destinos históricos; *um capital:* o da experiência, do estudo e do prestígio acumulados em 15 anos de Govêrno; *uma garantia:* a de que a Revolução continua.

A vida social em tôda a Europa está a transformar-se num ritmo rapidíssimo no sentido de aproximar economicamente as classes, igualando os seus níveis de vida. Nalguns países é o nivelamento pela miséria; noutros procura-se a irmandade no bem estar. Nós, em Portugal, temos a sorte de poder fazê-lo por via da elevação do nível de vida da classe trabalhadora. E há que acelerar depressa tudo quanto representa a melhoria real das condições de existência popular».

E noutro passo:

«Ora Salazar já em 1935 previu a grande transformação por que haviam de passar as instituições dos Estados, acrescentando: *é fatal que hão de sofrê-la os que não fôrem capazes de operá-la.* E por essa altura, afirmou também esta verdade oportuníssima: *Não temos o encargo de salvar uma sociedade que apodrece, mas de lançar, aproveitando os sãos vigamentos antigos, a nova sociedade do futuro.*

Por isso, torno a afirmar que a permanência de Salazar no Govêrno é, além de tudo o mais, a garantia segura de que a Revolução continua. Porque a sua obra de renovação social—e moral—ainda vai no começo».

O que aí fica, é tão claro, tão preciso e eloqüente que dispensa por si qualquer comentário. Em boa verdade, só a permanência de Salazar no Poder pode ser para nós garantia segura de que a Revolução continua e através dela o renascimento do país se operará.

O desastre de Castanheira de Chã

A atitude tomada pelo Govêrno, de acudir o mais ràpidamente possível aos sinistrados do desastre de Castanheira de Chã, é não sòmente digna do maior aplauso, como também prova provada e admirável do imenso interêsse com que o Govêrno do Estado Novo cuida do povo.

CORDEIRO GOMES

A' MARGEM DA GUERRA

NO MEDITERRANEO, NOVOS COMBÓIOS NAVAIS DESEMBARCAM TROPAS, AVIÕES, TANKS E CANHÕES NOS LOCAIS DE CONCENTRAÇÃO DAS FÔRÇAS ANGLO-FRANCO-AMERICANAS

Produzir e poupar é fazer guerra à fome.

A batata é um alimento capaz de substituir com vantagem outros produtos agrícolas.

É preciso produzir com abundância para garantir o abastecimento do país.

Aumentar-se-á a produção com a cultura intercalar da batata na vinha.

A cultura intercalar da batata na vinha não só beneficia a economia agrícola como a vinha.

Pousadas de Portugal

Portugal — todo êle — é uma pousada de paz; a pousada da paz num mundo em guerra. Casa lusitana, a coberto de ódiss pela unidade da família, rodeada de bênçãos, portas rasgadas a quem vier por bem, acolhe quantos andaram sofrendo pelos caminhos de luta, quantos procuram retemperar nela as almas e os corpos batidos de infortúnio.

Portugal, recanto de turismo cada vez mais apreciado, necessita de ganhar consciência das belezas sem par que possue e de saber valorizá-las com bom sentido e equilíbrio. Já tem a demarcar-lhe alguns pontos mais saüdáveis, mais pitorescos, ao longo da costa, nas serras, nas planícies, o sorriso acolhedor de uma pousada turística, concebida e realizada ao gôsto da região, como que fazendo parte integrante da paisagem, dos usos e costumes tradicionais.

Pousadas do S. P. N., pousadas de turismo—janelas abertas sôbre as belezas dos horizontes portugueses!

Ámanhã, quando as pombas de paz voltarem a fazer ninho nas bocas dos canhões, o roteiro das pousadas será percurso obrigatório para a predilecção dos grandes viajantes do mundo, encharcados de tédio pela monotonia incaracterística dos *Palaces*.

Bem andou, portanto, o Secretariado da Propaganda Nacional, em editar um sugestivo mapa com algumas excursões turísticas através do país. De Norte a Sul—circuitos de viagem, de pequenas viagens maravilhosas, cheias de inesperado, como se numa curta faixa da Península — imensa, afinal! — todos os recantos da terra quizessem estar representados, no clima, na beleza, no sortilégio da sua variedade.

Portugal, possuindo especiais condições para atrair os turistas, despertou e já sabe apreciar o que possue — graças à renovação de uma mentalidade que em tudo se renova porque nas origens se procura. Saibamos aproveitar ainda melhor os locais e as pequenas grandes coisas que, sàbiamente utilizadas ou adaptadas, contribuïrão para o Portugal melhor que todos queremos edificar.

Oásis turístico da Europa em guerra — caminho obrigatório de turismo mundial quando a paz renascer.

Comunicado

A *Orquestra Papagaios*, de S. Bernardo, vem por êste meio, informar o público de que assistiu aos festejos na Praça do Peixe, no sábado passado, dia 3, que nada tem com a taça oferecida pela Comissão aos *Feras Jazz*, pois que o prémio era um só e apenas êste *Jazz* se fez representar no concurso da mesma.

Fica assim o caso esclarecido para que o público não vá em *Cobras e Lagartos*, que os adeptos do *Jazz* vencedor, *d fôrça*, para aí propalam.

ORQUESTRA PAPAGAIOS

PIANO

em bom estado, grande, 7 oitavos, teclado em marfim, vende-se barato.
Rua Candido dos Reis, 45—Aveiro.

Leilão de móveis

Por motivo de retirada do seu proprietário e por intermédio da Agência de Leilões a *Libertadora*, proceder-se-á, no próximo dia 18, pelas 14,5 horas, numa casa sita na Rua do Americano, ao Senhor dos Aflitos (com bandeira à porta) à venda do recheio da mesma, que constará de mobilias e outros objectos.

Declaração

António Maria Simão, da G. N. R., declara que não se responsabiliza por dívidas que, de futuro, contraia sua mulher Carolina Basílio, sem seu consentimento.
Aveiro, 9 de Julho de 1943.

Marinhas

Vendem-se duas: a *Vitela do Norte* e *Vitela do Sul*, no Esteiro de Môça. Recebe propostas o advogado Jaime Duarte Silva.

Terreno para construção

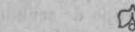
Vende-se, situado na parte central da Avenida Dr. Lourenço Peixinho.
Dirigir à *Barbearia Progresso*, Avenida—Aveiro.

Gráfica Aveirense

passa-se

por os seus donos a não poderem administrar.

Casa Vende-se, com 8 divisões na Rua do Sol. Tratar com a viúva de Joaquim Vicente Ferreira.

Vendem-se duas estantes e um balcão no *Salão Chic*, Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Câmara Municipal de Aveiro

—o—

AVISO

Torna-se público que por deliberação tomada em 8 do corrente, está aberto concurso por provas documentais e práticas, pelo espaço de trinta dias, contados da segunda e última publicação dêste anúncio no *Diário do Govêrno*, para o provimento do lugar de escriturário de segunda classe do quadro privativo da Secretaria desta Câmara, vago por virtude de promoção a aspirante do respectivo serventuário, ao qual compete o vencimento de 600$00 mensais.

Êste concurso é de promoção e portanto regido pelos preceitos do artigo 471.º do Código Administrativo.

Aveiro e Paços do Concelho, 9 de Julho de 1943.

O Presidente da Câmara,
Francisco António Soares

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Avisam-se os pretendentes à ocupação de lojas no novo Mercado de que devem fazer a sua inscrição até ao dia 15 do corrente, na Secretaria desta Câmara, indicando o ramo de negócio que pretendam explorar.

Aveiro e Secretaria da Câmara Municipal, 2 de Julho de 1943.

O Presidente da Câmara,
Francisco António Soares

Aluga-se na rua da Fábrica, o 1.º andar da casa n.º 9. Tratar na mesma.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

NECROLOGIA

Com 82 anos deixou de existir, na terça-feira, a sr.ª D. Amélia Soares Santos de Carvalho, natural da Régua, onde há muito enviuvara.

A extinta, juntamente com uma irmã, a sr.ª D. Isabel Soares Santos, vivia na companhia de seus sobrinhos a sr.ª D. Antónia de Magalhães Sarabando e marido o sr. João Evangelista Sarabando, funcionário da Direcção de Finanças que lhes tem prodigalizado todos os carinhos, pelo que são dignos de reconhecimento.

O seu entêrro realizou-se no dia seguinte para o cemitério sul, encorporando-se nele um grupo de senhoras conduzindo flores, funcionários da Secção e Direcção de Finanças e alguns amigos de João Sarabando a quem apresentamos condolências.

* * *

No estado de solteira, acabou os seus dias, após prolongado sofrimento, a sr.ª D. Maria Eduarda Miranda, filha do falecido funcionário de Finanças, sr. Eduardo Pinto de Miranda.

Tinha 37 anos e possuia uma certa intuição artística, pois chegou a revelar-se na pintura, deixando alguns quadros de merecimento.

A suas irmãs, D. Firmina Gabriela Miranda e D. Maria Luísa Miranda, as nossas condolências.

* * *

Desde quarta-feira que também não pertence ao número dos vivos, uma rapariga que há anos se evidenciou no teatro como componente do grupo de amadores que aqui representou a opereta *Moleiro de Alcalá* — Rosa Mendes.

Desempenhou nessa peça, com uma naturalidade invulgar, o papel de *Corregedora*, sendo das principais figuras do elenco que então era dirigido por Aurélio Costa e que tantos triunfos alcançou, mercê dos elementos de que se compunha.

Contava agora 36 anos, era casada com o empregado comercial João de Lemos, de quem deixou dois filhos, e o seu cadáver foi ante-ontem sepultado no cemitério novo.

Sentindo o seu desaparecimento de sôbre-a-terra, acompanhamos os doridos na sua dôr.

* * *

Em Ouca, concelho de Vagos, também sucumbiu esta semana o sr. Joaquim de Oliveira Sérgio, que já contava 80 anos de idade.

Era sócio da firma comercial *Joaquim de Oliveira Sérgio & Filhos* que na Avenida Dr. Lourenço Peixinho possui um importante estabelecimento de fazendas, gabardines, etc.

O extinto era viúvo e pai das sr.as D. Maria do Carmo, D. Herminia e D. Vitorina Sérgio e dos srs. Marcelino Sérgio e Eduardo Sérgio, a quem acompanhamos no seu luto.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, João da Silva Cravo, casado, de 73 anos, e Manuel Agonia Dias, ferroviário reformado, viuvo, de 75, natural de Vila do Conde; e na *Quinta do Picado*, Emília de Jesus Novo, de 67, casada com António Francisco Novo.

Secção Desportiva

Natação

O *Beira-Mar* fez deslocar, no domingo, ao Pôrto, uma sua equipa de natação, a-fim-de disputar uma prova de 1.500 metros, organizada pelo *Sport Comércio e Salgueiros*, daquela cidade.

A equipa aveirense, composta por Acácio e João Agostinho da Costa, arrancou as primeiras classificações, conquistando as taças *Engenheiro Vidal Rodrigues*, atribuida ao primeiro nadador a cortar a meta, e *José Pereira da Costa*, para a equipa primeira classificada.

Acácio fez uma prova à vontade, sem preocupações, vencendo folgadamente, e João classificou-se em 5.º lugar. Fez quási todo o percurso em terceiro mas, na ponta final, por indisposição, não conseguiu impôr-se aos adversários.

Correspondências

Samel, 28 de Junho

Realizou-se ontem um desafio de *foot-ball* entre o *Lusitania*, de Cantanhede, e o grupo local, terminando por um empate de duas bolas.

—Foi colocado numa escola de Bustos o professor sr. José Martins Pires, que exercia o magistério em Anadia.

—Fizeram exame de passagem de classe os alunos dos Postos Escolares de Banhos e Quinta do Perdigão, ficando todos aprovados.

C.

Esgueira, 8

Apareceu morto no lugar da Quinta do Simão, desta freguesia, um mendigo que pelo bilhete de identidade que lhe foi encontrado na algibeira, se verificou chamar-se António Barbosa Costa, natural de Paredes do Coura, e contar 59 anos.

Foi sepultado no nosso cemitério.

—Num torneio de tiro aos pombos, realizado em Agueda, classificou-se, brilhantemente, em segundo lugar, o nosso conterraneo Joaquim de Pinho, a quem felicitamos.

Concorreram para cima de vinte atiradores.

C.

AVISO

Avisam-se os lavradores da área do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ilhavo de que se encontra aberta a inscrição livre para sulfato de amónio a aplicar nas plantações de batata estival, independentemente da já feita para a reprodução.

A inscrição deverá fazer-se no Grémio, em Aveiro, e na Casa da Lavoura, em Ilhavo.

Aveiro, 6 de Julho de 1943.

a) *Carlos de Almeida Vidal*

Emissões dos ESTADOS UNIDOS
em língua portuguesa
(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	COMPRIMENTO DE ONDA	
7,45	WCRC	31,1 m.	9.650 kc/s
	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s
9,45	WRUW	49,6 m.	6.040 kc/s
	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s
12,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s
13,45	WDL	30,8 m.	9.750 kc/s
	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s
14,45	WKRX	30,3 m.	9.897 kc/s
17,45	WCEA	25,3 m.	11.847 kc/s
	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
18,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
19,45	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
20,30	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
	WDO	20,7 m.	14.470 kc/s
22,00	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
23,00	WGEA	25,3 m.	11.847 kc/s
	WGEO	19,6 m.	15.330 kc/s
00,45	WDL	30,8 m.	9.750 kc/s
1,45	WDJ	39,7 m.	7.565 kc/s

(Emissões diárias)
OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA